

## **A representação da mulher assassinada no *fait divers*: uma personagem recorrente nos jornais do século XIX ao século XXI <sup>1</sup>**

Ana Luiza COIRO-MORAES<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS

### **Resumo**

O artigo tem como tema o *fait divers*, investigando através de pesquisa documental as notícias veiculadas nos jornais The Times e Daily News a respeito de mulheres assassinadas por Jack, o Estripador, no século XIX, e a cobertura do Diário Gaúcho sobre o caso da jovem morta pelo ex-namorado em 2015. Busca-se nos *fait divers* dos jornais identificar um elemento comum às narrativas do folhetim: a personagem, concluindo que há semelhança entre os critérios de seleção e a forma como são veiculados os assuntos que se noticiam e aqueles que compõem a temática das obras ficcionais.

**Palavras-chave:** *fait divers*; folhetim; personagens; gêneros jornalísticos.

### **Introdução**

O nascimento da empresa jornalística, como hoje a reconhecemos, se deu na conjugação de uma série de circunstâncias, de ordem tecnológica, social, econômica, bem como através de políticas de educação. Na segunda metade do século XIX, a indústria editorial, já dotada de recursos técnicos de impressão e de fabricação de papel, contando com máquinas como a rotativa de Hoe, com dez andares de alimentação e capacidade para 20 mil cópias por hora, competia pelo público que se formava nas cidades em função da demanda por recursos humanos originada pela Revolução Industrial e pelo setor comercial que a partir desse progresso industrial se desenvolvia: operários, tecelãs, balconistas. Isso resultou no surgimento de um vasto mercado consumidor (e de estratégias para estimular o consumo), integrado pela maioria da população, cujo apetite se voltaria aos mais variados artigos: objetos e artefatos, mas também produções culturais e artísticas. Financiados a partir de então por verbas de publicidade, os jornais organizavam-se para atender à demanda desse mercado crescente de leitores, que se formou, também, em decorrência da alfabetização em massa promovida no oitocentos europeu, como registra Rest (1967).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora Colaboradora Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), email: [anacoiro@gmail.com](mailto:anacoiro@gmail.com)

Nesse contexto, surgiria o folhetim, longas narrativas publicadas em episódios semanais, no rodapé dos jornais vendidos a preços baixos, “atrelado à imprensa de grande tiragem, ao germe da indústria cultural” (SODRÉ, 1978, p. 80). Contudo, à receita desse sucesso editorial, foi acrescido o *fait divers* ou casos do dia que também contribuíram para a formação de um público de massa. Esse gênero, que se constituiu através dos relatos factuais “com enredo”, por vezes compartilhou temas e personagens com os folhetins. Dentre estas se destaca no presente texto a personagem da mulher vitimizada, e, através de uma pesquisa documental (Moreira, 2008), por meio das fontes secundárias em que se constituem os jornais *The Times* e *Daily News* do século XIX e o *Diário Gaúcho* no século XXI, ambos acessados na ambiência digital, articulam-se algumas questões envolvendo a discussão do gênero *fait divers*, um “tipo de jornalismo que se dispõe a trabalhar nas frágeis e nebulosas fronteiras entre o documental e o ficcional”, como aponta Borelli (1996, p. 178). Assim, focando notícias a respeito de mulheres assassinadas por Jack, o Estripador, no século XIX, e da jovem morta por um auxiliar de serviços gerais que em 2015 desmembra a cabeça do corpo da mulher assassinada, busca-se nos *fait divers* dos jornais identificar um elemento comum às narrativas do folhetim: a personagem.

### **O gênero *fait divers* e suas aproximações com o folhetim**

A cultura de massa se instaura a partir da popularização e da venda massiva dos jornais. Meyer (1996, p. 91) observa que o Segundo Império francês foi um período em que apesar das perseguições, das prisões e da censura constituiu-se na “época de ouro do jornalismo, que viu nascer e florescer a chamada *grande presse*, que já se pode chamar de imprensa de massa, atendendo à demanda de uma camada cada vez maior da população.” Nascia a empresa jornalística burguesa. Na narrativa de Marcondes Filho (1989, p. 61), após 1830:

A maior revolução da história do jornalismo dá-se nessa fase. [...] A transformação tecnológica irá exigir da empresa jornalística a capacidade financeira de auto-sustentação com pesados pagamentos periódicos, irá transformar uma atividade praticamente livre de pensar e de fazer política em uma operação que precisará vender e se auto-financiar. [...] Trata-se da separação entre imprensa como empresa capitalista de um lado e formação e a consolidação da imprensa partidária de outro. A imprensa puramente política (doutrinária, ideológica) dos partidos social-democratas, socialistas do século XIX caracterizou-se como o principal meio de discussão política e estratégica nos conflitos sociais do final do século. A imprensa burguesa, particularmente a partir de 1830, começara a definir-se como imprensa de negócios para o comércio de anúncios.

*Le Petit Journal*, que produzia um tipo de imprensa diferente dos jornais políticos ou literários, e era comercializado por venda avulsa a um *sou* (um tostão), em 1866 começa a contar com um suplemento dominical: *Le Nouvel Illustré*, a cuja forma (ilustrações em cores) o seu criador, Moise Polydore Millaud, aliou o conteúdo, “unindo o folhetim ao que batizou de *fait divers*, um noticiário romanceado de acontecimentos extraordinários”, contando a “realidade com enredo” (MEYER, 1996, p. 97).

O suplemento vai principalmente privilegiar o *fait divers*, ilustrado na capa, o qual, juntamente com o folhetim, é o grande chamariz do jornal. Nisso residiu o gênio de Millaud: sua acuidade e sensibilidade à demanda do novo público específico que queria atingir. Não só pelos aspectos materiais do jornal — preço, formato, distribuição —, como por seu conteúdo. Ele soube aliar uma novidade, o folhetim, cujo consumo fora amplamente confirmado pelo sucesso da fórmula do jornal-romance, o qual aliás acabou suplantado pelo novo jornalismo de massa, a uma tradicional modalidade de informação popular, reinterpretando-a e rebatizando-a. Trata-se da *nouvelle*, ou *canard*, ou *chronique*, a que deu novo nome: o *fait divers*, ou seja, uma notícia extraordinária, transmitida em forma romanceada, num registro melodramático, que vai fazer concorrência ao folhetim e muitas vezes suplantá-lo nas tiragens (MEYER, 1996, p. 98).

No âmbito do “jornalismo informativo”, na classificação de Melo (1994, p. 29), porque relata “fatos e acontecimentos”, o *fait divers*, no entanto, refere-se à realidade que desperta “muita sensação e, por isso mesmo, pode entreter a coletividade”. Contudo, mais do que um dos recursos editoriais para chamar a atenção e divertir a audiência (tipo de estratégia que sempre esteve presente na imprensa), de acordo com Ramos (1998, p. 112):

Em suas diversas manifestações, o *Fait Divers* estabelece conflitos, fixados nas paredes do presente. É, por excelência, narcísico, preso ao continente de suas experiências. Interpela pela isca da emocionalidade. Em seu circuito imanente, não há tempo para a razão e para as lentes intelectuais, o imediatismo do seu consumo emocional recorre à Fatalidade. Ela é o seu Sujeito Absoluto, sua tábua metafísica, de espessura ahistórica, para explicar a conflituosidade histórica. É o sincretismo de seu estilo barroco. No seu esboço imanente, forjado pelo narcisismo e pela emocionalidade, o *Fait Divers* mostra os conflitos históricos, mas os demonstra por um espelho único: a Fatalidade, em seu espectro ahistórico, apaziguante da conflituosidade histórica.

É preciso ressaltar, no entanto, que este sentido ahistórico do *fait divers*, ideologicamente conservador, subordinado às leis de mercado e, sob o ponto de vista

estético, desprovido de originalidade, encontra mais semelhança com as fases finais do folhetim. Isso porque, na primeira fase, de 1836 a 1848, predominou um “romantismo social”, que apesar de direcionar a solução de conflitos sociais para a intervenção de indivíduos (os heróis das histórias de Sue e Dumas), não deixava de registrar em seus temas certo antagonismo de classes. Já na segunda fase do desenvolvimento do folhetim, que vai até 1870, os temas de aventura e intriga substituíram as preocupações sociais; e a terceira etapa, pós-comuna de Paris (1871), é o momento em que textos ideologicamente decadentes são a tônica (MARTÍN-BARBERO, 1997).

O *fait divers* é o “inominável”, aponta Roland Barthes (1971, p. 263), nele são cobertos diversos acontecimentos, contendo escândalos, curiosidades e situações bizarras; ele envolve “fatos excepcionais ou insignificantes, anônimos, de essência privativa”:

É uma informação total, imanente, contém em si todo o seu saber; não há necessidade de conhecer nada do mundo para consumir um caso do dia, ele não remete formalmente a outra coisa que não seja ele próprio. É uma estrutura fechada. [...] Seu conteúdo não é estranho ao mundo: desastres, homicídios, raptos, agressões, acidentes, roubos, extravagâncias, tudo isso remete para o homem, para a sua história, para a sua alienação, para os seus fantasmas, para os seus sonhos, para os seus medos: são possíveis uma ideologia e uma psicanálise do caso do dia; mas trata-se aí de um mundo cujo conhecimento nunca é senão intelectual, analítico, elaborado em segundo grau por aquele que fala do caso do dia, não por aquele que o consome (BARTHES, 1971, p. 265).

Ao contrário da informação: 1º) que é “nomeada” (por exemplo, as editorias de política, de economia ou de esportes de um jornal); 2º) que é por definição, parcial, porque “o acontecimento não tem estrutura própria, suficiente” e “nunca é senão o termo manifesto de uma estrutura, num contexto implícito que lhe preexiste; e 3º) que remete a uma situação exterior a seu enunciado linguístico, como “fragmentos de um romance”; compara Barthes (1971, p. 263-265): o *fait divers* assemelha-se a um conto, uma *short history* que possui um modo discursivo próprio — a “língua do jornal”.

[...] Qualquer caso do dia comporta pelo menos dois termos, ou, se preferir, duas notações. E pode-se muito bem levar a cabo uma primeira análise do caso do dia sem nos referirmos à forma e ao conteúdo desses dois termos: à sua forma, porque a fraseologia da narrativa é estranha à estrutura do fato relatado, ou, para sermos mais precisos, porque esta estrutura não coincide fatalmente com a estrutura da língua, embora só possamos atingi-la através da língua do jornal; ao seu conteúdo, porque o importante não são os próprios termos, a maneira contingente como eles

são saturados (por um assassinato, um incêndio, um roubo), mas a relação que os une (BARTHES, 1971, p. 266).

As duas notações a que se refere o autor são passíveis de reconhecimento na estrutura do *fait divers*, através de dois tipos (e seus subtipos) de “relações imanentes”: causalidade (causalidade esperada e causalidade perturbada) e coincidência (repetição e antítese). Porém, como a causalidade do *fait divers* apresenta-se “falsificada, ou pelo menos suspeita, duvidosa, irrisória, uma vez que, de certa maneira, o efeito ilude aí a causa”; há certa tendência à junção aleatória da coincidência com a causalidade para que seja construído um “caso do dia”: “ambos acabam, com efeito, por recobrir uma zona ambígua onde o acontecimento é plenamente vivido como signo cujo conteúdo é, no entanto, incerto” (BARTHES, 1971, p. 267). Este, constataria ainda Barthes (1971, p. 275), é o estatuto de literatura que se pode reconhecer no *fait divers*, ainda que má literatura, sujeita a uma “ordem formal na qual o sentido é ao mesmo tempo apresentado e iludido”. E, é justamente por conta desse estatuto ‘literário’, que se justifica a observação de Meyer (1996, p. 99):

É interessante notar que, num jornal, a página de *fait divers* é a única que não envelhece. Se é impossível, hoje, ao ler um jornal antigo, compreender algum fato político sem recorrer ao contexto, sem apelar para o nosso conhecimento histórico; a leitura de um *fait divers* ainda pode, cem anos depois, causar os mesmos arrepios ou espanto.

Frequentemente identificado com sensacionalismo, o *fait divers* é o principal, mas não o único “nutriente” do tipo de noticiário em “tom escandaloso, espalhafatoso”, de “credibilidade discutível”, que se caracteriza por “tornar sensacional um fato jornalístico que em outras circunstâncias editoriais não mereceria esse tratamento”, afirma Angrimani (1995, p. 16-17). Também alimentada por lendas e crenças populares, pessoas famosas ou singulares, escândalos políticos ou econômicos, “a narrativa sensacionalista transporta o leitor, delega sensações por procuração”.

Para rastrear as origens do jornalismo sensacionalista, Angrimani (1995) aponta o aparecimento de alguns jornais como *Nouvelles Ordinaires* e *Gazette de France*, entre 1560 e 1631, França, que traziam *fait divers* de cunho fantástico e notícias sensacionais. No século XIX, os *canards*, jornais de página única com impressão frontal, faziam sucesso, especialmente quando publicavam casos de crimes. Mas foi nos Estados Unidos que a imprensa sensacionalista ganhou o seu molde definitivo, através de dois jornais surgidos no

final do século: *World* e *Journal*. O *New York World*, de Pulitzer, inovou ao utilizar cores, “olhos” (pequenos textos de chamada para a matéria principal), ilustrações e manchetes sensacionalistas, em reportagens de grande apelo popular. A origem do epíteto “imprensa amarela”, segundo o autor, é acompanhada do seguinte histórico:

O “*World*” publicava aos domingos uma história em quadrinhos chamada “*Hogan's Alley*”, o personagem principal era um menino desdentado, sorridente e orelhudo vestido com uma camisola amarela, onde vinha escrita sua fala, daí ficou conhecido como “*Yellow Kid*”. O personagem passou a ser um registro simbólico para os críticos do sensacionalismo, Erwin Wardman do “*Press*” referiu-se a “imprensa amarela” e o termo “pegou”. [...] Para Mott, as técnicas que caracterizavam a imprensa amarela eram: manchetes escandalosas em corpo tipográfico excessivamente largo, “garrafais”, impressas em preto e branco ou vermelho, espalhando excitação, frequentemente sobre notícias sem importância, com distorções e falsidade sobre os fatos; o uso abusivo de ilustrações, muitas delas inadequadas ou inventadas; impostura e fraudes de vários tipos, com falsas entrevistas e histórias, títulos enganosos, pseudociências; quadrinhos coloridos e artigos superficiais; campanhas contra os abusos sofridos pelas “pessoas comuns”, tornando o repórter um cruzado a serviço do consumidor (ANGRIMANI, 1995, p. 21-22).

O termo “imprensa marrom”, com o sentido de “coisa ilegal, clandestina”, de acordo com Angrimani (1995, p. 21), já havia surgido na França, no início do século XIX. A imprensa amarela teve seu apogeu entre 1890 e 1900, mas, acrescenta o autor: “deixou pegadas que continuam sendo seguidas pelos jornais sensacionalistas”. E isso também se aplica à pós-moderna internet, como registra Alves (2014, p. 2), acerca do Portal de Notícias G1: “É perceptível que assuntos relacionados à violência e morte, características também do *fait divers*, estão presentes na maioria dos materiais disponibilizados nessa categoria no portal”.

### **A mulher como personagem: do folhetim ao *fait divers***

Antonio Candido (1981 p. 54) afirma o que há de “mais vivo” no romance são as personagens, trazendo a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, por “mecanismos de identificações, projeção, transferência, etc.” Para ele, a marcha do romance moderno, localizada entre o século XVIII e o começo do século XX, rumou para uma crescente sofisticação da psicologia das personagens, paradoxal à inevitável simplificação técnica imposta pela necessidade de caracterização. Nada mais, no entanto, do que desenvolver e explorar uma tendência constante do romance de todos os tempos, apenas acentuada no período mencionado, isto é, tratar as personagens de dois modos principais: 1)

como seres plenos mas facilmente delimitáveis, marcados por traços que os caracterizam; 2) como seres complicados, que não se esgotam nos traços característicos, detentores de maior profundidade (ANTONIO CANDIDO, 1981).

Enquanto personagens masculinos se caracterizam, basicamente, como heróis ou vilões, a personagem feminina do século XIX inclui vários traços constitutivos. Porém, transcendendo qualquer tipologia folhetinesca, havia um papel social a ser desempenhado pela mulher (na “vida real”), com regras e deveres bem delimitados: a virgindade é indispensável às solteiras (pobres ou ricas); a inserção social da mulher rica acontece somente através do casamento (às pobres é destinado o trabalho, desonra para a burguesa); casada, a mulher transforma-se em símbolo exterior da posição social do homem. Mas, rica ou pobre, ela precisa ser dedicada, paciente, abnegada, caridosa, obediente e, acima de tudo, virtuosa. É praticamente em função destas qualidades que se organizam os tipos femininos do folhetim.

Há uma heroína que simplesmente encarna o feminino de herói, não tem maiores caracterizações nem funções na trama, que não sejam passivas: é dada em casamento, é disputada, raptada, acusada, defendida, mas não tem voz, restam-lhe os sentimentos. Mesmo a mocinha destemida, como a Ambrosina de Saint-Clair das Ilhas, descrita por Meyer (1996, p. 47) como uma donzela de espírito aventureiro, “que chega um dia à ilha de Barra, vestida de rapaz, atraída pela fama do valente e misógino herói”, assim que perpetrado o casamento, transforma-se em “recatada, virtuosa e diligente esposa”.

Outra variação da mocinha é o tipo borralheira: jovem bela, virgem, e inocente, mas órfã, pobre e criada por uma arquetípica madrasta má (a vilã) que a maltratava e humilhava, por vezes até bloqueando seu acesso a alguma herança ou aos verdadeiros pais, que afinal não haviam morrido, ou a alguma tia riquíssima, que pode prover-lhe o dote que possibilitará um bom casamento. Porque à mulher pobre, observa Meyer (1996, p. 313), “só resta ser costureira ou prostituta”. A costureirinha, pálida e angelical, normalmente trabalha para sustentar ao pai ou à mãe doente; é pobre porém honesta e, sem dote, às vezes se vê forçada a aceitar um nobre decadente (velho ou “farrista”) em casamento.

Porém, não há heroína mais vitimizada do que a donzela conspurcada, pura de coração e alma, mas com a virtude roubada pela ação de um sórdido vilão. Geralmente inocente, às vezes foi submetida à concupiscência do vilão sob o efeito de soníferos, graças à traição de um criado. A *via crucis* da donzela conspurcada, na maior parte dos casos, segue algumas fases: sofre o abuso sexual; engravida; o filho é dado à adoção, entregue a

uma ama ou raptado; e ela enlouquece ou corajosamente passa a procurar por seu filho, para encontrá-lo no futuro, já adulto, algumas vezes na pele de um herói valoroso.

Todavia, é possível identificar pelo menos três subdivisões no tipo heroína vitimizada, todas elas relacionadas ao homem: além da donzela conspurcada pela ação do homem mau; há a mãe sacrificada, auto-imolada à educação de seu filho homem; e ainda a jovem viúva injustiçada pela falta do homem bom, como no folhetim.

Do outro lado da virtude que caracterizou as heroínas até aqui descritas, alinham-se outras personagens femininas. Estas se reúnem em torno do tipo que se chamará dama das camélias, em evidente homenagem à personagem do romance de Alexandre Dumas Filho. O tipo dama das camélias pode ser a mulher que errou antes do casamento, ou seja, foi seduzida e não tomada à força por um vilão; ou a adúltera, que cometeu um “crime que a sociedade não perdoa”, aponta Meyer (1996, p. 253), lembrando que “o adultério é sempre do gênero feminino: o homem comete suas leviandades, mas adúltera é a mulher”. Muitas vezes essas mulheres “decaídas” são damas das camélias vitimizadas, que podem até reabilitar-se ao final do folhetim (se não morrerem), depois de duras provas que reavaliam o seu grau de submissão às exigências sociais à mulher honesta, tornando-se freiras, mães sacrificadas ou qualquer outro papel que seja totalmente dessexualizado.

Próximos em termos de época e de veículo, os tipos do *fait divers* muitas vezes inspiraram as personagens do folhetim ou mesmo de romances que se tornaram clássicos da literatura universal, como o caso de Madame Bovary, que se parece com uma das personagens dos romances de folhetim dos quais é leitora voraz, mas foi inspirada por uma pessoa real, que Flaubert descobriu em um *fait divers* de jornal.

### **Os casos dos séculos XIX e XXI**

Rivera (1968, p. 14) aponta a “progressiva emancipação da mulher”, em 1790, como fator de popularização dos folhetins, entretanto, são constantes nos folhetins personagens como a mulher vitimizada pela ação de um vilão. A mulher assassinada, por um *serial killer* ou por crime passional, é um tipo de personagem recorrente nas colunas policiais dos jornais. No século XIX, as cinco vítimas de Jack, o estripador (*Jack, the Ripper*) e outras treze prováveis vítimas do criminoso foram retratadas como personagens pelos jornais londrinos (e de todo o mundo)<sup>3</sup>. A identidade do criminoso que matava e retirava órgãos de

---

<sup>3</sup> Dentre os muitos sítios na internet dedicados a Jack, o Estripador, no Casebook ([http://www.casebook.org/press\\_reports/](http://www.casebook.org/press_reports/)) é possível acessar mais de setenta jornais do Reino Unido (além de



prostitutas jamais foi descoberta, dele os jornais tinham apenas as cartas para publicar, mas suas vítimas, bem como parentes e testemunhas (personagens coadjuvantes nos dramas midiáticos) ganharam vívidas descrições nas reportagens da época.

O jornal *The Times*, em 10 de setembro de 1888, recorre ao conto policial *Os assassinatos da rua Morgue*, de Edgar Allan Poe, para traçar um paralelo entre as mortes violentas de mulheres nas ruas de Paris e a “brutal selvageria” empregada na mutilação e morte de Annie Chapman (que tivera o útero retirado pelo assassino), cujos detalhes “não precisavam ser citados detalhadamente”, bastando dizer que ela fora encontrada “cedo, na manhã de sábado, com a cabeça quase separada de seu corpo e mutilada de uma maneira revoltante” (traduções minhas).

Já o *Daily News*, em 8 de outubro de 1888, relatou de forma ainda mais folhetinesca o inquérito sobre assassinato de Catherine Edowess, também conhecida como Kate Kelly. A irmã da falecida ganha *status* de personagem coadjuvante, merecendo do jornal uma caracterização que chega a seu estado de espírito e apreciações como “respeitável”:

Às onze horas da manhã de ontem, o Sr. Langham começou o inquérito oficial nas circunstâncias que circundam a morte da mulher cujo corpo mutilado foi encontrado na Praça da Mitra, às primeiras horas da última manhã de domingo. [...] A primeira testemunha chamada foi a irmã da falecida, uma respeitável mulher de meia-idade que manifestava grande aflição, soluçando e chorando lastimavelmente, mas de modo geral prestando o seu depoimento de forma proveitosa e clara. Os pontos principais de seu testemunho foram que a falecida nunca havia sido casada, mas que coabitara por alguns anos com um soldado reformado do exército chamado Conway, com quem havia tido duas crianças, e que depois disso tinha vivido mais alguns anos com o “Sr. Kelly” (tradução minha).

No entanto, as suspeitas do *Daily News* recaíam sobre Mr. Kelly (no mínimo, de que ele fosse um rufião). O jornal descreve-o, minuciosamente, como um legítimo antagonista do tipo heroico masculino.

O Sr. Kelly foi a próxima testemunha a ser chamada. Ele parece ter em torno de quarenta anos de idade, figura de aparência pitoresca, com um saudável bronzado adquirido em recente “excursão” à colheita de lúpulo, grossos cabelos pretos, testa baixa e um bem aparado bigode imperial. Usava uma roupa surrada de operário, com um cachecol azul-brilhante em volta do pescoço, e falou com voz profunda, em sonoro e bom tom,

---

jornais norte-americanos, suecos, canadenses, irlandeses, australianos, mexicanos, jamaicanos, etc.), trazendo as reportagens originais sobre os crimes, em língua inglesa.

olhando tranquilamente pelo tribunal, enquanto o Coronel anotava suas respostas. Quando perguntado se a falecida tinha hábito de frequentar as ruas, respondeu resolutivo: “Não, senhor, eu nunca pedi a ela para fazer isso”. Logo a seguir, porém, deixou escapar uma expressão que contradizia virtualmente a sua afirmação (tradução minha).

Na sequência da descrição do testemunho, o jornal assume o papel de “promotor” e lança suas acusações finais sobre Mr. Kelly, que foi o último companheiro da mulher assassinada (suspeito de ser um vilão passional), arrematando dramaticamente:

Na noite anterior ambos haviam dormido no albergue do Beco do Sapato e no sábado separara-se dela, pensando que ela iria procurar em Bermondsey, para tentar encontrar sua irmã e ver se ela poderia arranjar-lhe um troco “para evitar que saísse às ruas” — depois de ter declarado tão resolutamente nunca ter pedido a ela para fazer isso. Depois de deixá-lo no sábado, alguém lhe disse que ela tinha chegado a arranjar “para um trago”. Mas ele nunca foi perguntar sobre ela; “soube que ela teria saído na manhã de domingo.” Na manhã de domingo, sua desafortunada carreira acabara, ela tornara-se um cadáver mutilado (tradução minha).

Mas, embora a fórmula seja antiga, os meios de divulgação do *fait divers* renovam-se, como se pode conferir na versão *on line* do jornal Diário Gaúcho. No tempo do primado das redes sociais, encontra-se a história de um estripador contemporâneo, veiculado em 31 de março de 2015: “Homem que decapitou namorada em SP postou foto da cabeça no Facebook”. E, na linha fina, o nome do vilão: “José Ramos dos Santos também enviou a imagem para amigas da vítima e disse: ‘Ninguém mandou ela me trair’”. Na linguagem hipertextual do meio digital, estão presentes ainda duas conexões (*links*) com outras notícias previamente veiculadas no mesmo jornal, localizadas uma no interior do texto da notícia e outra em parágrafo destacado, que abaixo se marca em itálico:

*O homem que decapitou a namorada de 16 anos, grávida, na Zona Sul de São Paulo, na última quinta-feira (26), publicou a foto da cabeça da jovem no Facebook. Além disso, ele enviou a imagem para amigas da vítima no sábado (28), antes de se entregar à polícia. O assassino desconfiava que a adolescente havia lhe traído e que o filho que ela esperava não era seu.*  
*Jovem mata namorada grávida e leva a cabeça da vítima à polícia.*

Identificada a mulher vitimizada, com ênfase na idade e na gravidez, ambos os *links* levam à notícia do dia anterior (30 de março) cujo título coincide com o segundo *link* e tem como subtítulo: “José Ramos dos Santos, 23 anos, disse aos policiais que matou a

adolescente de 16 anos após ela confessar que o havia traído”. E, nesta notícia, outro *link*, desta vez direcionando o leitor a outro jornal, o Estadão, como abaixo se lê em itálico:

Depois de estrangular e matar a namorada — grávida de sete meses — na quinta-feira, em São Paulo, um jovem de 23 anos se entregou à Polícia Civil na noite de sábado. José Ramos dos Santos abriu sua mochila e mostrou aos plantonistas o que carregava: a cabeça da vítima, que também havia sido decapitada.

*As informações são do Estadão.*

Também nesta notícia, a informação sobre o nome da jovem assassinada e a profissão do assassino confesso: “Conforme a reportagem, o ajudante-geral contou aos policiais que matou Shirley Souza, 16 anos, após ela confessar que o havia traído”.

Aos leitores do Diário Gaúcho é dado ainda conhecer as conversas do vilão passional, que como Jack, o Estripador, assumiu um codinome no Facebook, "Zél Past Troubled", fazendo-se representar pela fotografia de um personagem do cinema (como se vê na Figura 1): “Ele também colocou uma foto do *serial killer* mascarado do filme "Jogos Mortais" em seu perfil na rede social. No longa metragem, o assassino é conhecido por cortar partes dos corpos das vítimas.”

Figura 1: As conversas entre o assassino e as amigas da vítima

O portal **G1** teve acesso às conversas que José Ramos dos Santos, 23 anos, teve com amigas de Shirley Souza pela rede social após matar a jovem. Confira:



Fonte: Diário Gaúcho on line, 31/03/2015<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> Disponível em <http://diariogaucha.clicrbs.com.br/rs/policia/noticia/2015/03/homem-que-decapitou-namorada-em-sp-postou-foto-da-cabeca-no-facebook-4730316.html>. Acesso em 13 jul.2015

Dignos de nota, também, os *posts* com comentários dos leitores, que acompanham a notícia no *site*, pois se nas narrativas do Daily News e do The Times cabia aos jornalistas, presentes nos depoimentos, o texto opinativo, no século XXI quem opina são os leitores. Alguns clamam por punições severas ao assassino, solidarizando-se com a jovem mulher vitimizada:

Penas para crimes como esse de tamanha violência (sic) e complexidade, devem ser no mínimo (sic) de prisão perpetua (sic). Agora lhe pergunto, o que temos haver (sic) com um indivíduo (sic) que não quis viver numa sociedade ordeira, pacífica (sic), que anseia pelo bem do próximo. Pessoas assim, ao (sic) meu ver, não podem viver livremente, estamos sacrificando o rebanho para garantir a integridade dos lobos. Todos temos escolhas na vida, ele decidiu tirar a vida de uma menina, ainda mais grávida (sic), foram duas vidas e com uma crueldade sub humana (sic).

Um post condena a alusão ao personagem do *blockbuster* "Jogos Mortais": "A foto de perfil do cara é o JigSaw.... Aí tu já começa a ver mais ou menos o nível das criaturas..." Outros cobram a reponsabilidade dos pais, como nos dois *posts* transcritos a seguir, que chegam a ver no comportamento sexual da jovem mulher assassinada um indício da barbárie instaurada no país: 1) "A pergunta é: Onde estavam os pais dessa menina? Ex-companheiro de 23 anos? 23 anos e não sabe escrever? Grávida com 16? Começou a trepar com 14, 15 anos então se já era "ex"? Brasil vai se transformar em uma Angola gigante. Não tem como civilizar esse povo". 2) "No caso ai (sic) grávida de um cara adulto, possivelmente sem estudo e sem trabalho. De repente tem uns cinco irmãos, pai já foi morto por dívidas, mãe viciada em crack e álcool e por ai vai a desgraça brasileira".

O que se pode perceber, tanto nos *fait divers* do século XIX como no caso do dia de 2015 é que eles se estruturam através de personagens dicotômicas, caracterizadas em ambos os casos como um vilão, criminoso cruel que além de matar, dilacera suas vítimas, e uma (ou mais) mulher assassinada. Há, ainda, a presença da adjetivação que acompanha as narrativas sobre esses personagens (e seus coadjuvantes) e o juízo de valor pela voz dos repórteres no Daily News e The Times nos casos das mortes perpetradas por Jack, The Ripper, e pelos leitores da versão *on line* do Diário Gaúcho.

### **Considerações finais: o elemento "oh! ah!"**

Um dos chamados pais fundadores dos *Cultural Studies*, Richard Hoggart, em livro publicado em 1957 buscava entender as razões pelas quais as pessoas elegiam como

prediletas algumas produções culturais, e não outras. Ele conclui que, antes de tudo, é preciso atentar para o seu interesse “pelos pormenores mais insignificantes da condição humana”, que parte do pressuposto de que “a vida humana em si é fascinante” (HOGGART, 1973, p. 144). Ele acreditava que tais particularidades, apreendidas pela indústria cultural, constituíam-se em matéria-prima para o sucesso dos produtos dirigidos às massas: da radionovela ao *fait divers*.

É também por todas estas razões, e não por esnobismo, que os indivíduos do proletariado tanto apreciam os folhetins radiofônicos passados num meio pequeno burguês, os quais refletem geralmente as minúcias da vida quotidiana. E são ainda estas razões que levam os jornais de grande tiragem a apresentar as notícias em estilo de ficção de baixo nível. Esses [...] jornais de domingo, que combinam as notícias de sensação com a bisbilhotice, [...] acrescentam a essas notícias um elemento que lhes confere interesse ainda maior, a que podemos dar o nome de elemento ‘oh! ah!’ — uma moça ‘comum’ é atropelada por um homem que, como depois se vem a saber, é um ator de cinema<sup>5</sup> [...] —; a maior parte da própria literatura de cordel é do gênero ‘oh! ah!’ [...]; as histórias não constituem uma fuga à realidade quotidiana, antes partem do princípio de que essa realidade é intrinsecamente interessante. Atribuem ênfase especial ao pormenor humano, que pode ou não ser dramatizado por adjunção do crime, do fator sexual ou do esplendor que caracteriza a vida de determinadas camadas (HOGGART, 1973, p. 145).

Assim, se os gêneros ficcionais podem ser tomados como “matrizes culturais universais, recicladas no decorrer do tempo”, como demarca Borelli (1996, p. 174), por outro lado, os próprios princípios produtivos dos gêneros factuais “sérios” que se distinguem no jornalismo, na terminologia de Wolf (1995, p. 175), os “valores/notícia” que compõem e definem a noticiabilidade dos acontecimentos pinçados do “mundo real” (não-ficcional); levam à reflexão sobre a semelhança dos critérios de seleção e da forma como são veiculados (ou seja, os gêneros) os assuntos que se noticiam ou aqueles que compõem a temática das obras ficcionais folhetinescas.

Annette Hill (2007) prefere referir-se a um certo relaxamento nas regras do que vem a ser o factual, apregoando que as fronteiras entre ficção e realidade — nas notícias, nos casos do dia, nos documentários e nos demais programas de enquadráveis como “de realidade” — vem tendo seus limites de definição esgarçados e, em consequência desses

---

<sup>5</sup> No sítio <http://br.cinema.yahoo.com/perfil/96/bio/tomcruise>, o registro de um acontecimento *real* do tipo que Hoggart chama de “Oh! Ah!”. Em 1996, o ator Tom Cruise socorreu e pagou todas as despesas médicas da brasileira Heloísa Vinhas, uma aspirante à atriz que fora atropelada por um carro que fugiu após o acidente. Dias depois, o ator enviou um cartão com muitos balões coloridos, desejando à jovem uma breve recuperação.

“tempos de turbulência”, os espectadores navegam através da agitação, do ruído e das constantes mudanças no ambiente factual midiático.

Desse modo, se o folhetim, enquanto tipo de entretenimento de alto envolvimento emocional manteve-se como expressão massiva e, adaptando-se aos novos suportes tecnológicos da indústria cultural do século XX, chegou à cultura midiática como folhetim eletrônico, primeiramente, na forma de radionovela, para depois consagrar-se também na televisão; também o *fait divers* se veicula no rádio e na televisão. O *fait divers* radiofônico, em programas como “Comando Maior”<sup>6</sup>, pratica um jornalismo assistencialista, gerador de um “clientelismo eletrônico” que parte de “relatos de tragédias pessoais feitos por seus protagonistas”, como qualifica Pinto (1993, p. 120), num tipo de relação entre os comunicadores e os sujeitos vitimizados que se estabelece pela inoperância/incapacidade das administrações públicas — tanto ao gerir receitas, quanto para promover crescimento econômico suficiente para atender demandas dos setores populares. Da mesma forma, a televisão conta com programas como “Balanço Maior”<sup>7</sup>, “Programa do Ratinho” e outros telejornais policiais, que sob a estratégia do *fait divers* associam jornalismo ao entretenimento e produzem uma profusão de perseguições policiais, criminosos sendo encarcerados e vítimas sendo entrevistadas. Esses programas, tais como os *fait divers* dos jornais tanto do século XIX quanto do século XXI, resumem-se a histórias de interesse humano apresentadas por meio de textos factuais, compostos, no entanto, sob a gramática do ficcional, pela qual os fatos se constroem através de personagens que correspondem a personificações do bem e do mal, protagonizadas por vilões e por suas vítimas.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Marcelli. O “Ciclo do Jornalismo Integrado” e os comentários das “Mais Lidas” do G1. **Comunicologia**, Revista de Comunicação e Epistemologia da Universidade Católica de Brasília. Brasília, 2014. p. 144-163. Disponível em <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/viewFile/5651/3742>. Acesso em 18 jul.2015.

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

<sup>6</sup> Programa que consta na grade de programação da Rádio Farroupilha de Porto Alegre, de segunda a sexta, das 6 às 11h, apresentado por Sérgio Zambiasi.

<sup>7</sup> Programa veiculado pela Rede Record, “que transita entre o jornalismo e o entretenimento”, como apresentado no site <http://noticias.r7.com/balanco-geral/saiba-mais-sobre-o-programa-balanco-geral-sp-26052014>.

BARTHES, Roland. **Ensaaios críticos**. Lisboa: Edições 70, 1971.

BORELLI, Sílvia Helena Simões. **Ação, suspense, emoção**: literatura e cultura de massa no Brasil. São Paulo: Educ, 1996.

HILL, Annette. **Restyling factual TV**. New York: Routledge, 2007.

HOGGART, Richard. **As utilizações da cultura**: aspectos da vida da classe trabalhadora, com especiais referências a publicações e divertimentos. Lisboa: Editorial Presença, 1973.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia** (Jornalismo como produção social da segunda natureza). São Paulo: Ática, 1989.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MELO José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MEYER, Marlyse. **O folhetim**: uma história. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

MOREIRA, Sônia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In DUARTE, Jorge e BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008, p. 269-279.

PINTO, Célia Regina J. O clientelismo eletrônico: a eficácia de um programa popular de rádio. **Humanas** – revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) – UFRGS, vol. 16, nº. 1, jan./jun., 1993. p. 117-137.

RAMOS, Roberto José. Aqui, agora: poder e mito. Revista **Famecos**, nº. 9, Porto Alegre, dez., 1998. p. 111-117. Disponível em:  
[http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/9/Roberto\\_Ramos.pdf](http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/9/Roberto_Ramos.pdf). Acesso em 15 jul.2007.

REST, Jaime. **Literatura y cultura de masas**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1967.

RIVERA, Jorge B. **El foletín y la novela popular**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1968.

SODRÉ, Muniz. **Teoria da literatura de massa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

SOUZA, Antonio Candido de Mello e. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1985.